

AGORA | BASTIDORES

PESQUISA

A ciência pede socorro

Depois de revelar importante descoberta para a cura do câncer, o trabalho de pesquisadores brasileiros emperra por falta de investimento

Texto Mariana Poli

Foto Alexandre Battibugli





Estela de Oliveira Lima e o orientador, Rodrigo Catharino, chefe do laboratório Inovare, na Unicamp: os cientistas buscam investimento

Em fevereiro, a pesquisadora Estela de Oliveira Lima concluiu, com louvor, seu projeto de pós-doutorado na Faculdade de Ciências Médicas da **Unicamp**, em Campinas (SP). Iniciada em 2016, a pesquisa tinha uma premissa ambiciosa: verificar se o vírus zika, que destrói células com alta taxa de proliferação no cérebro de fetos (causando microcefalia), se comportaria da mesma forma no órgão de um adulto com tumor maligno, cuja característica é exatamente a rápida multiplicação. Para isso, ela e Rodrigo Catharino, professor de ciências farmacêuticas e seu orientador, infectaram *in vitro* células cancerosas de um cérebro adulto com o vírus zika. Um dia depois, ele tinha eliminado cerca de metade do tumor. Após 48 horas, 90% dele havia desaparecido. A dupla repetiu o experimento outras 25 vezes. “Em todas, observamos esse mesmo fenômeno, o que abre um caminho importante para a descoberta de novos tratamentos contra o câncer”, diz a cientista. Aí vem o problema. Para avançar, é preciso dinheiro. A bolsa de Estela acabou há três meses, o laboratório Inovare, onde o estudo ocorre, foi afetado pelos cortes em ciência feitos no governo de Michel Temer (MDB). Novas etapas de testes, primeiro em animais e depois em pacientes, exigiriam 20 milhões de reais. “Além de ser um valor alto para o meio acadêmico, fomos muito impactados pela falta de verba. Infelizmente, os americanos vão passar na nossa frente”, afirma Rodrigo, referindo-se aos pesquisadores das universidades de Washington e da Califórnia, nos Estados Unidos, que iniciaram pesquisas parecidas na rabeira (Estela e Rodrigo afirmam ter sido os primeiros a depositar projeto correlacionando zika com câncer no repositório internacional de trabalhos científicos BioRxiv) e já estão à frente. “Nós temos um estilingue; eles, uma bazuca. É uma pena, porque sabemos que, em outros países, uma pesquisa assim jamais pararia até chegar à fase final.”